



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

## DUNHAM, Samuel (1796; Londres, 1858)

Pouco sabemos, infelizmente, sobre o historiador britânico oitocentista Samuel Astley Dunham. Terá sido contemporâneo e amigo de Robert Southey e do historiador John Lingard. Foi autor de monografias históricas de síntese respeitantes a vários países europeus: a Polónia (1831), Portugal e Espanha (1832-33), os países escandinavos e o império germânico. Além destas, escreveu também uma história da Europa medieval em quatro volumes e um livro dedicado às vidas de eminentes intelectuais britânicos. Todas estas obras faziam parte da coleção *The Cabinet Cyclopædia*, editada por Dionysius Lardner e destinada ao leitor não especializado, nomeadamente ao público inglês de classe média. Foi membro da Academia Real espanhola. Na fase final da sua vida dedicou-se aos estudos bíblicos, mas os seus trabalhos nessa área não foram publicados.

Apesar de terem a divulgação por objetivo, as obras de Dunham são trabalhos críticos, recorrendo a um conjunto alargado e disperso de fontes e estudos precedentes sem aceitar cegamente o seu conteúdo. O historiador critica certos predecessores seus como demasiado crédulos e descarta aspetos sobrenaturais relatados pelas fontes como inverosímeis. Ao narrar a fundação da nacionalidade, por exemplo, rejeita a ocorrência do “milagre de Ourique” – mas aceita como possíveis as lendárias “Cortes de Lamego”. Dunham esforça-se por cruzar as suas fontes, mas quando estas discordam tende a evitar a especulação infrutífera. Embora tente escrever uma história “exata”, no sentido de seguir o relatado pelas fontes, este historiador não tem igual preocupação com o distanciamento e procura de “neutralidade” que se tornaria marca da historiografia posterior. Não hesita em interpolar na narrativa os seus julgamentos, essencialmente morais, sobre as várias personagens históricas, descrevendo-as como benevolentes ou cruéis, esclarecidas ou ignorantes e assim por diante.

A sua história da Península Ibérica constitui uma narrativa extensa, preenchendo cinco volumes e abrangendo todo o intervalo entre a época dos celtas e iberos (da qual o conhecimento histórico era ainda muito limitado) e a Revolução Francesa, que tivera lugar poucos anos antes do nascimento do Autor. O período medieval é o que recebe mais atenção, ao passo que o moderno é percorrido com maior brevidade. Trata-se sobretudo de uma narrativa política, cronicando as ações dos monarcas de cada um dos reinos ibéricos, com especial destaque para as batalhas e campanhas militares. Mas contém também capítulos dedicados às instituições (administrativas e jurídicas) e “costumes” desses mesmos reinos, bem como às suas tradições artísticas e literárias e à história religiosa – no caso desta última, reporta longamente milagres e martírios, ainda que duvide da sua veracidade histórica. Como expectável da historiografia da primeira metade do século XIX, os aspetos sociais são limitados e os factos económicos quase completamente ausentes. O Autor aborda a questão dos *fueros*/foros medievos, dos privilégios que estes concediam aos

habitantes dos concelhos na Península e da representação desses concelhos nas cortes, concluindo que a autonomia dos mesmos foi exagerada pela historiografia e que na verdade tais instituições não podem ser consideradas um exemplo de poder popular ou “democrático”, estando em vez disso totalmente dependentes da vontade dos reis, em todos os países ibéricos.

Depreende-se claramente da sua escrita que Dunham perfilha a religião cristã e algo é devoto. Apesar disso, não tende a crer em intervenções do divino na história, como referido. Para seu crédito, utiliza fontes de proveniência islâmica quando aborda o passado muçulmano da Península, considerando-as tão fidedignas como as cristãs contemporâneas. Não se coíbe de elogiar governantes e estadistas “infiéis” quando sente que os mesmos são dignos de louvor, nem de referir as luzes intelectuais e artísticas da era islâmica. É também crítico das perseguições históricas contra judeus e outros não cristãos. Na sua censura apaixonada do Tribunal do Santo Ofício encontramos talvez traços da *lenda negra* que se popularizou na Europa do Norte a propósito desta instituição. Por outro lado, o Autor vê com bons olhos a Companhia de Jesus e censura a sua expulsão de Portugal e Espanha. Quando se refere aos habitantes das Américas e da África subsaariana a sua perspetiva está em sintonia com as ideias dominantes na sua época, encarando-os como meros “selvagens” incivilizados.

O título *History of Spain and Portugal* é ligeiramente enganador: a obra em questão dedica muito mais tinta ao espaço espanhol do que ao português. Tal deve-se em parte à forma como está estruturada – com capítulos separados para cada uma das entidades políticas que viriam a compor Espanha, Leão, Castela, Aragão, etc. – mas também a um admitido menor conhecimento da história de Portugal por parte de Dunham. Para estas secções, o Autor apoia-se em algum material de época (crónicas medievais e obras modernas como a de João de Barros), mas sobretudo em trabalhos historiográficos, incluindo os do francês Nicolás de La Clède. Em certas passagens é muito sumário.

Considerando que os autores britânicos que se dedicaram à história portuguesa procuravam com frequência explicar o surgimento e contínua sobrevivência do país enquanto entidade autónoma, é curioso que Dunham não se entregue de todo a este “problema”. O seu relato da fundação da nacionalidade é uma mera sucessão de acontecimentos, sem considerações sobre as suas causas. Referindo-se ao domínio filipino, o Autor afirma que Filipe I (figura que de resto parece admirar) esteve entre os melhores governantes de Portugal e que o reino teria beneficiado da União Ibérica se não fossem os “sentimentos nacionais” dos portugueses – mas não explica tais sentimentos.

A sua opinião sobre certas figuras históricas portuguesas é por vezes invulgar. Revela claro desprezo por D. Sebastião e por D. António, prior do Crato, é crítico de D.<sup>a</sup> Inês de Castro (por esta ter sido participante consciente em adultério) e parece sentir uma antipatia generalizada pela Casa de Bragança, antes ou depois de subirem ao trono (afirma, porém, que D. João V e D. José foram governantes competentes). É igualmente curiosa a forma como a obra de Dunham não contém qualquer referência explícita ao Marquês de Pombal: todas as medidas e políticas do reinado de D. José são atribuídas ao próprio monarca, o ministro não é sequer



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

mencionado.

Noutros aspetos a narrativa deste historiador é mais “convencional”, por exemplo no que toca à expansão, com elogios aos infantes D. Henrique e D. Pedro e a D. João II. Típico da historiografia inglesa, Dunham glorifica as ações dos primeiros navegadores e conquistadores no Índico, sobretudo Afonso de Albuquerque, como valorosos e quase sobre-humanos, enquanto põe ênfase no declínio que teve lugar na Índia portuguesa, na sua opinião, a partir do reinado de D. João III e que a deixou num estado de decadência e corrupção generalizada antes de ser quase completamente perdida para potências mais fortes. É surpreendente, todavia, quão poucas são as referências ao Brasil e que não aborde de todo o ouro e diamantes explorados nessa colónia no séc. XVIII.

No que toca à arte e literatura portuguesas, o britânico pouco tem a dizer além do superficial e confessa-se ignorante nessa temática.

Samuel Dunham faleceu em Londres, em 1858. A sua história da Península Ibérica foi bem recebida e considerada entre as maiores autoridades na matéria, pelo menos em língua inglesa, sendo traduzida para o espanhol em 1844. Não parece, contudo, ter tido nunca tradução portuguesa.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

## Bibliografia ativa

DUNHAM, Samuel, *The History of Poland*, Londres, Longman, 1831; *History of Spain and Portugal*, 5 vols., Londres, Longman, 1832–3; *History of Denmark, Sweden, and Norway*, 3 vols., Londres, Longman, 1839–40.

## Bibliografia passiva

MACEDO, Jorge Borges de, *A Historiografia Britânica sobre Portugal: a propósito do centenário da aliança luso-britânica*, [s. n.], Lisboa, 1973; SUTTON, Charles William, "Dunham, Samuel Astley", in STEPHEN, Leslie (ed.), *Dictionary of National Biography*, Vol. 16, Londres, Smith, Elder & Co., 1888, p. 199.

Tiago Seixas dos Santos